

## A PARÓQUIA NA CONFERÊNCIA DE APARECIDA

*Diego Isotton\**  
*Leonardo Silva Pereira Fávero\*\**  
*Prof. Ms. Neri Mezadri\*\*\**

**Resumo:** O Concílio Vaticano II é um marco na história recente da Igreja e considerando a paróquia como a grande referência em termos de organização estrutural de evangelização, o que precisa ser transformado para que ela seja efetivamente o lugar de irradiação missionária? Ao apontar para a conversão pastoral ou de mentalidade para a ideia de rede de comunidades, o Documento de Aparecida começou dar corpo à necessária renovação da estrutura paroquial. Em sentido mais livre, fica evidente que a paróquia precisa ser mais dinâmica, com menor “investimento” na manutenção estrutural para ser mais “leve” e “livre” para atender às reais necessidades de evangelização. É claro que o fundamento do novo ardor é o encontro pessoal com Jesus Cristo. O sentido de tudo está no fato de que o encontro com Cristo produz novidade e quem participa do encontro não permanece a mesma pessoa. A paróquia renovada é capaz de se renovar em todos os sentidos a partir do momento que proporciona a redescoberta da fé pessoal.

**Palavras-chave:** Igreja. Aparecida. Rede de comunidades. Conversão. Reino de Deus.

---

\* Graduado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); graduando em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA Faculdades). E-mail: diego\_isotton@yahoo.com.br

\*\* Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); graduando em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA Faculdades). E-mail: leonardo.favero@live.com

\*\*\* Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo – UPF; Especialista em Direitos Humanos, pelo Ifibe; Especialista Supervisão Educacional pela UPF; Especialista em Orientação Educacional pela UPF; Especialista em Ciências Sociais pela UPF; Licenciado em Filosofia pela UPF; Bacharel em Teologia pela Itepa Faculdades. Orientador educacional no curso de Ensino Médio no Centro de Ensino Médio Integrado da UPF; Coordenador pedagógico e professor da Itepa Faculdades. E-mail: nerimezadri@hotmail.com

## 1 Considerações iniciais

O Concílio Vaticano II é um marco na história recente da Igreja, fruto de um processo histórico e eclesiológico que culminou no século XX e, especialmente, da sensibilidade de acolher os clamores e decifrar eventos e fenômenos que o precederam. A conversão proposta pelo Concílio não é tarefa fácil nem pequena, mas fundamental para ser Igreja na contemporaneidade. Uma das janelas para o grande *aggiornamento* foi a mudança eclesiológica e de perspectiva pastoral, passando para a centralidade na categoria Povo de Deus. Segundo Oliveros (2008, p.183), uma substituição da figura piramidal pela circular. Sabemos da importância das reflexões sobre esta nova natureza eclesial para as transformações da Igreja latino-americana, sistematizadas nos textos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. O Documento de Aparecida é fonte para nosso artigo.

Os documentos eclesiais, por sua perspectiva de colher a complexidade da realidade, os “sinais dos tempos” e prospectar os desafios prementes no contexto histórico específico, podem ser interpretados por certos leitores como penetrados de contradições tanto na leitura que fazem da realidade quanto no que propõem. No entanto, isso é fruto de uma diversidade de concepções e pluralidade de atuação da própria Igreja. O que os documentos fazem é reafirmar as grandes referências de fé e buscar construir unidade nesta diversidade de atuação, amalgamando a diversidade de práticas em torno da figura e da perspectiva do seguimento de Jesus Cristo. O Documento de Aparecida, neste sentido, tem como uma das preocupações centrais a renovação do espírito e do ardor missionário, numa perspectiva, que se poderia dizer, de “evangelização ativa”. As pessoas de fé não são apenas destinatários do anúncio, mas discípulos missionários, concebendo a evangelização como modo de vida a ser anunciada e compartilhada.

Uma das questões que orienta nosso texto é: considerando a paróquia a grande referência em termos de organização estrutural de evangelização, o que precisa ser transformado para que ela seja efetivamente o lugar de irradiação missionária? Ao apontar para a conversão pastoral ou de mentalidade, para a ideia de rede de comunidades, o Documento de Aparecida começou dar corpo à necessária renovação da estrutura paroquial. Em sentido mais livre, fica evidente que a paróquia precisa ser mais dinâmica, com menor “investimento” estrutural para ser mais “leve” e “livre” e assim, atender às reais necessidades de evangelização. É claro que o fundamento do novo ardor é o encontro pessoal com Jesus Cristo. O sentido de tudo está no fato de que o encontro com Cristo produz novidade e quem participa do encontro não permanece a mesma pessoa. A paróquia renovada é capaz de se renovar em todos os sentidos a partir do momento que proporciona a redescoberta da fé pessoal.

O texto segue a pegada do Documento de Aparecida, buscando compreender por onde passam as transformações socioculturais e eclesiais, reconstruindo o que se apresenta como desafio para a realidade da paróquia. Além do documento já mencionado, também serve de fonte o Documento n. 100, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, que se ocupa de atualizar/desdobrar as implicações da renovação da paróquia no contexto brasileiro mais recente.

## **2 A proposta do documento de Aparecida**

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe aconteceu em Aparecida/SP entre os dias 13 e 31 de maio de 2007. Ela se inseriu num contexto complexo após a virada do século, no qual a Igreja latino-americana estava sendo desafiada por uma série de transformações velozes e o catolicismo estava deixando de ser a religião da maioria da

população do continente. A Igreja tinha à sua frente um duplo desafio: diante de si própria, reencontrar sua identidade, para com ela se posicionar adequadamente na realidade emergente; e diante dos povos da América Latina, a fim de retomar sua identificação com eles, para continuar a fazer sentido às pessoas que não se sentem mais obrigadas a professarem o catolicismo.

Aparecida reconheceu que estamos em um tempo de profundas transformações, de mudança de época; o mundo globalizado mudou; a Igreja, exposta no mercado de uma experiência religiosa subjetiva; já não podemos dar respostas a perguntas que já não existem. E, segundo Brighenti, a lista de desafios que se apresentavam é longa:

[...] a emergência da subjetividade individual; a irrupção do ‘outro’ como gratuidade ou dimensão sabática da existência; a globalização mercantilista e a emergência de uma consciência planetária; os novos rostos dos pobres como ‘sobrantes e descartáveis’ – a pobreza como mundo da insignificância; a urbanização; a fragmentação do tecido social, gerando sentidos parciais, etc<sup>1</sup>.

Para responder a tais desafios, Aparecida se põe em continuidade e, ao mesmo tempo, recupera o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana a serviço dos povos do continente, expressos nas Conferências Gerais anteriores – Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Aparecida tinha diante de si a grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus, recordando aos fiéis que, por meio do batismo, todos somos chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo (DAp 9). E isso acontece, especialmente, num momento histórico no qual a Igreja e a humanidade careciam de uma nova proposta evangelizadora, “que assumisse a incompatibilidade entre uma

---

1 Agenor BRIGHENTI, *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.311.

realidade de exclusão e o Reino da Vida, a missão como promoção da Vida, [...] uma conversão pastoral, uma renovação eclesial, uma Igreja em estado permanente de missão”<sup>2</sup>.

Apesar de uma série de controvérsias<sup>3</sup>, o documento final é bastante homogêneo. Sua redação foi feita por grupos simultâneos. Sem a pretensão de forçar o texto, sintetizamos sua proposta evangelizadora em quatro pontos: Realidade que interpela; Vida em plenitude; Igreja em estado permanente de missão; e Conversão pastoral e renovação eclesial.

## 2.1 A realidade que interpela

Aparecida seguiu o método ver-julgar-agir, construindo sua proposta de ação a partir da realidade própria do povo latino-americano. Seu ponto de partida se firmou sobre o modo de “discernir os sinais dos tempos à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino” (DAp 33), assim como fez o Concílio Vaticano II.

Sendo assim, as precárias condições de vida de muitas pessoas, abandonadas, excluídas e ignoradas em sua miséria e dor são sinais de contradição com o Reino da Vida anunciado por Jesus e desejado pelo Pai. O Reino é incompatível com as situações desumanas e, por isso, todos são chamados a suprimir as graves desigualdades socioeconômicas e as enormes diferenças no acesso aos bens. “Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho, situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna” (DAp 358).

Estamos, de fato, imersos num processo de globalização excludente que afeta os mais pobres, gerando novos rostos da

---

2 Agenor BRIGHENTI, *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.311.

3 Os entraves ou controvérsias acerca da V Conferência não são objeto deste artigo, mas algumas informações sobre eles estão em BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.312-317.

pobreza, pessoas e comunidades inteiras que padecem sob o peso de grandes sofrimentos<sup>4</sup>. Esses sofrimentos vão além dos fenômenos da exploração e da opressão, é algo novo: a exclusão social. “Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente explorados, mas supérfluos e descartáveis” (DAp 65). Estas pessoas se tornam o refugio da Terra. Na ideologia do mercado, elas já não têm serventia e, portanto, valor algum. Mesmo a Terra está ameaçada pela fome do lucro, foi e continua sendo agredida: a terra foi depredada (DAp 84); as águas passaram a ser mercadoria negociável pelas empresas – como é o caso da Amazônia e do risco se encontra atualmente no aniquilamento dos povos que nela vivem (DAp 86); o aquecimento global (DAp 87), etc. Tudo isso como que forma uma cultura de morte.

Esses e outros tantos sinais que podem ser percebidos não

---

4 Aparecida reconhece as diversas situações nas quais o povo tem sua dignidade violada: “Isso nos deveria levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles, estão as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação socioeconômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. Não esqueçamos também os sequestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna” (DAp 65).

significam para nós o fim. O sofrimento e a morte não têm a última palavra. Em todas as realidades, Deus tem um plano de amor para a criação e a humanidade, em especial os mais pobres: o Reino da Vida.

## 2.2 A vida em plenitude

O Reino é o ponto de chegada. Para Brighenti, a finalidade da missão não é a Igreja, porque “a missão do discípulo missionário é continuar a obra do Mestre. Como seu Evangelho é Boa Nova de Vida, seguir Jesus significa colocar-se a serviço da vida em plenitude para todos. Inclusive da natureza, pois foi criada por Deus e dada a nós, para que cuidemos dela”<sup>5</sup>.

A evangelização é indissociável da promoção humana. A opção pelos pobres manifesta que a ação evangelizadora

[...] envolve a promoção humana e a autêntica libertação “sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade”. [...] além disso, que a verdadeira promoção humana não pode reduzir-se a aspectos particulares: “Deve ser integral, isto é, promover todos os homens e o homem todo”, a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que “a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento (DAp 399).

Afinal, para a Igreja, o serviço da caridade, o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos expressam sua própria essência e missão: a vida só se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa. E, assim, Aparecida afirma: “Deus em Cristo não redime só a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os seres humanos” (DAp 359). Ou seja, faz parte da missão da Igreja denunciar os modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e dignidade do homem, centro de toda vida social e cultural, de ser imagem e semelhança de Deus e chamado a ser filho no Filho, compartilhando da sua

---

5 Agenor BRIGHENTI, *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.319.

vida por toda a eternidade. “A fé cristã nos mostra Jesus Cristo como a verdade última do ser humano, o modelo no qual o ser humano se realiza em todo o seu esplendor ontológico e existencial” (DAP 480).

E, além disso, o compromisso com a promoção da vida plena em Cristo exige um trabalho conjunto entre as demais pessoas e instituições a fim de “criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política [...] que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais” (DAP 384). Assim, possibilitar aos pobres serem sujeitos da transformação de sua situação (DAP 394), evitando qualquer paternalismo (DAP 397). É uma ação a ser realizada no diálogo com as ciências (DAP 465), cuidando da ecologia (DAP 474), inculturando o Evangelho (DAP 479), de modo particular no mundo urbano (DAP 501) e na vida pública (DAP 509). Isso tudo constrói no mundo uma cultura de vida plena.

### **2.3 A igreja em estado permanente de missão**

O estado permanente de missão é o espírito que anima os discípulos a transformarem a cultura de morte na qual estão inseridos muitos povos latino-americanos num mundo que se aproxime daquele cuja vida é plena. E para animar a caminhada missionária da Igreja, o Documento de Aparecida propõe alguns desafios a serem enfrentados.

O primeiro deles é não se deixar “instalar na comodidade, no cansaço e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” (DAP 362). O compromisso batismal dos cristãos e seu engajamento nas comunidades eclesiais exige a urgente transformação da realidade em centros de irradiação da vida em Cristo. Sabemos, e o Documento nos aponta para isso. Nas últimas décadas se observa que, por um lado, um



grande número de “pessoas perde o sentido transcendental de suas vidas e abandonam as práticas religiosas, e, por outro lado, significativo número de católicos estão abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos” (DAp 100f). Além disso, os bispos reconhecem que

[...] alguns católicos se têm afastado do Evangelho, o qual requer um estilo de vida mais simples, austero e solidário, mais fiel à verdade e à caridade, como também nos têm faltado coragem, persistência e docilidade à graça de prosseguir, fiel à Igreja de sempre, à renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II (DAp 100h).

A transformação das comunidades em centros de irradiação da vida plena em Cristo é o segundo desafio. Para isso, a Igreja, através de suas comunidades, é chamada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres” (DAp 395). Trata-se de um gesto de companheirismo de caminhada com “nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio” (DAp 396). E, assim, os bispos ratificam a opção preferencial pelos pobres, assumida pelas conferências anteriores<sup>6</sup>.

Segundo Brighenti, “a firme decisão missionária de promoção da cultura da vida deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos de pastoral, em todos os níveis eclesiais, bem como toda a instituição, abandonando as ultrapassadas estruturas”<sup>7</sup>. Portanto, “a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370).

## 2.4 Conversão pastoral e renovação eclesial

Para realizar o êxodo de uma cultura de morte para a vida plena, impulsionado por um estado permanente de missão, a caminhada implica na conversão pastoral e na renovação

---

6 Medellín 14,4-11; Puebla 1134-1165; Santo Domingo 178-181.

7 Agenor BRIGHENTI, *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.320.

eclesial. A finalidade da pastoral, biblicamente falando, não mudou. A Palavra de Deus é direta: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas” (Jo 10,10-11), diz Jesus.

Contudo, o mundo mudou. E, por isso, diante das transformações sociais e culturais, exige-se novas respostas pastorais “que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais” (DAP 367). Assim, a Igreja precisa de uma verdadeira conversão pastoral e renovação eclesial, através:

a) Do compromisso com os novos rostos da pobreza (DAP 402). Para Brighenti, “há alguns rostos sofredores, de ‘pobres descartáveis’ que doem em nós: os que vivem na rua, os migrantes, os doentes, os dependentes de drogas e os presidiários”<sup>8</sup>.

b) De uma Pastoral Social orgânica, cuja promoção humana faça as pessoas serem sujeito de seu próprio desenvolvimento. Isso implica em “renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral, que com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização, onde a vida está mais ameaçada”<sup>9</sup>.

c) De uma Pastoral Urbana, cujo estilo de ação seja adequado à realidade urbana em sua linguagem, estruturas, práticas e horários; uma ação eclesial orgânica e articulada, que incida sobre a cidade, em seu conjunto; estratégias para chegar aos condomínios fechados, prédios residenciais e favelas; uma maior presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias (DAP 518). E, por isso, buscar renovar a paróquia (DAP 170); criar comunidades eclesiais de base e pequenas comunidades (DAP 179); o protagonismo dos leigos (DAP 458), em especial das

---

8 Agenor BRIGHENTI, *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.321.

9 Agenor BRIGHENTI, *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*, p.321.

mulheres (DAP 453-454) e uma ação pastoral pensada (DAP 371).

Assim, pensamos que a paróquia é um espaço privilegiado para viver essa comunhão de projeto que está expressa na proposta da Conferência de Aparecida, para que ela se torne, verdadeiramente, lugar da experiência de encontro com o Senhor Ressuscitado. Esta é a abordagem na sequência do texto.

### **3 A paróquia no documento de Aparecida**

O enfoque de Aparecida é uma eclesiologia de comunhão e o lugar primeiro para experimentar a comunhão eclesial vivida em comunidade é a Igreja particular, a diocese. “A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um povo” (DAP 164). As Igrejas particulares são “a realização concreta do mistério da Igreja universal em determinado lugar e tempo” (DAP 166) e faz parte da sua missão evangelizadora o compromisso de “estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica renovada e vigorosa, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem no mesmo projeto missionário de comunicar a vida” (DAP 169).

Nesse sentido, entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as paróquias, células vivas da Igreja e lugar privilegiado para que os fiéis tenham uma experiência concreta de Cristo e da comunhão eclesial. As paróquias são chamadas a ser casas e escolas de comunhão (DAP 170).

O essencial de uma paróquia não é seu território, e sim sua vocação e identidade comunitária. Aparecida afirma que um dos maiores desejos do episcopado latino-americano e caribenho é o de

“[...] uma corajosa ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade ‘espaços de iniciação cristã, da educação e celebração da fé, aberta à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes” (DAp 170).

Nesta direção, afirma Oliveros, “a renovação eclesial realizada a partir de leigos e leigas que formam a comunidade paroquial, na dinâmica da eclesiologia do Povo de Deus, iria formando o rosto novo e convertido da Igreja local”<sup>10</sup>. Para suscitar uma Igreja de comunidades vivas, dinâmicas e ministeriais, “é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenham em plena comunhão de vida e ideais com a Igreja local e, em particular com a comunidade paroquial” (DAp 309).

Essa consciência acerca da necessária renovação eclesial convida todos os membros da comunidade paroquial a serem responsáveis pela evangelização. Dessa forma, a renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de articularem-se entre si e conseguirem que seus membros se sintam realmente discípulos missionários de Jesus Cristo em comunhão.

Segundo Oliveros, as CEBs são facilitadoras da renovação eclesial das paróquias porque nelas florescem os pobres como sujeitos eclesiais e com seu enorme potencial evangelizador: “nessa Igreja se vivem e proclamam com alegria e facilidade as bem-aventuranças e sua dimensão profética: o Povo de Deus floresce, e os pobres realmente têm a Igreja como lar, como advogada e defensora”<sup>11</sup>. E, recorda Santos, que “as CEBs buscam ser o retrato fiel e atualizado das primeiras comunidades

---

10 Roberto OLIVEROS, *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*, p.187.

11 Roberto OLIVEROS, *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*, p.189.

cristsãs unidas e reunidas para enfrentar e combater o poder imperialista romano, e criar alternativas para a construção do Reino de Deus”<sup>12</sup>. A perseguição se dá porque sua “opção, natureza e compromisso, ameaçam todo e qualquer poder que seja exercido com base no autoritarismo, fora dos parâmetros evangélicos do serviço”<sup>13</sup>.

Seu testemunho é essencial para a Igreja e a sociedade, porque

“animadas pelo Espírito de Jesus, favorecem a aproximação, a acolhida e o diálogo entre seus membros que partilham o pão da Palavra e da Eucaristia; vivem a solidariedade entre si e aberta a todos e ao mundo, onde procura ser sal, luz e fermento de transformação social, econômica, política, religiosa... Por isso, seja na atual conjuntura da sociedade globalizada e do capitalismo neoliberal, com a exaltação do individualismo, do egoísmo, do consumismo e de tantas outras formas de vida que sobrepõem o ‘eu’ ao ‘nós’, seja no contexto de um projeto missionário que se queira coerente e eficaz, as CEBs, que também são comunidades missionárias representam e oferecem alternativas para a construção do bem comum e da sociedade justa e solidária”<sup>14</sup>.

A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades quanto na realidade rural de nosso Continente, que está exigindo dos agentes de pastoral imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. “Particularmente no mundo urbano é urgente a criação de novas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural” (DAp 173).

Contudo, para Santos,

“não é recente a discussão que coloca a paróquia, tal como está estruturada hoje, como modelo ultrapassado, que não responde

---

12 Roberto OLIVEROS, *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*, p.319.

13 Roberto OLIVEROS, *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*, p.319.

14 Carlos César dos SANTOS, *A Conferência de Aparecida: chaves de leitura*, p.319-320.

mais aos desafios impostos pela missão [...] enquanto a marca registrada da sociedade globalizada e neoliberal é a massificação que descaracteriza, desqualifica e descarta a pessoa e as relações humanas, os princípios que regem a opção cristã, do(a) discípulo(a) missionário(a), se caracterizam, ao contrário, pela acolhida, diálogo, interação, respeito, abertura que vai ao encontro para estabelecer com todos e todas e cada um(a) a inclusão no grande mutirão em favor da vida”<sup>15</sup>.

Sendo assim, a formação dos leigos missionários é urgente porque somente através da multiplicação deles se pode chegar a responder às exigências missionárias do momento atual. Também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora leiga é o “complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, sobretudo onde a Igreja se faz presente somente por eles” (DAp 174). E, mesmo nas questões concernentes à unidade da fé e da Igreja, “a unanimidade substancial exigida deve ser assumida não por cadáveres, mas por pessoas responsáveis, inteligentes, dotadas de senso crítico. É assim nas decisões de fé, muito mais o será no plano da prática pastoral”<sup>16</sup>.

Como resposta às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades, inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus. Afinal, “todas as comunidades e grupos darão fruto na medida em que a Eucaristia for o centro de sua vida e a Palavra de Deus for o farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo” (DAp 180).

Portanto, segundo Melo, para se colocar em prática a proposta de Aparecida,

---

15 Carlos César dos SANTOS, *A Conferência de Aparecida: chaves de leitura*, p.320.

16 Antonio Alves de MELO, *Documento de Aparecida: caminhos para sua recepção eclesial*, p.349.

“é necessário discernimento, criatividade, abertura do coração, atividade do intelecto, coragem de agir. Somente assim a proposta de vida eclesial feita pelo Documento de Aparecida fará com que a Igreja de Jesus Cristo adquira um fisionomia cada vez mais latino-americana e caribenha, sem sacrificar em nada a comunhão com a Igreja dos demais continentes e com o bispo de Roma, sinal da unidade de toda a Igreja”<sup>17</sup>.

Assim, os bispos da América Latina e do Caribe propuseram um projeto pastoral e as Igrejas particulares o receberam. Contudo, sua efetivação está condicionada por diversos fatores: culturais, históricos, antropológicos, econômicos, políticos. Pode acontecer aos agentes não fazer a pastoral que desejariam, mas aquela que a realidade lhes permitir. Devem fazê-la, no entanto, movidas por um realismo dinâmico e profético, de tal modo que a pastoral possível se aproxime cada vez mais da pastoral desejada, a fim de que a Igreja seja cada vez mais verdadeiramente o sinal-sacramento do Reino de Deus no mundo e na sociedade.

#### **4 A Paróquia como rede de comunidades**

O Documento de Aparecida sinaliza para a necessidade da conversão pastoral missionária, para anunciar o Evangelho de forma que as culturas possam entender a grandeza da sua força salvadora. Na perspectiva deste apelo, a paróquia deve ser mais acolhedora, misericordiosa, missionária e menos burocrata e preocupada com suas estruturas que, em grande medida, tornaram-se obsoletas. Deve se concentrar mais na pastoral propriamente, ampliando sua atuação em termos de público alvo e relativizando o critério territorial, tendo por base a vida fraterna das primeiras comunidades cristãs. Seguindo os pilares da palavra, do pão, da caridade e da missão, marcas dos

---

17 Antonio Alves de MELO, *Documento de Aparecida: caminhos para sua recepção eclesial*, p.349.

primeiros cristãos, renova-se a maneira de conceber o agir da paróquia e das comunidades em resposta aos apelos pastorais da Igreja do Brasil.

Guiados pela necessidade de repensar a ação paroquial, os Bispos do Brasil, depois de um minucioso estudo, elaboraram o Documento n. 100, *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia - A conversão pastoral da paróquia*, procurando atender às inspirações pastorais do Documento de Aparecida. O Documento propõe um renovado agir pastoral, propondo uma reorganização setorial, com destaque para pequenas comunidades, que pode ser formada pela delimitação geográfica ou por afinidade. Busca-se romper com o acento individualista predominante na cultura urbana que altera profundamente o espírito comunitário.

#### **4.1 A estrutura paroquial em transformação**

A comunidade paroquial tradicional prioriza a delimitação geográfica, com tendência à organização estática quanto aos horários das celebrações, bem como ao funcionamento da catequese e serviços como formação e caridade. O atendimento pastoral se baseava na catequese, nas celebrações sacramentais, ritos fúnebres, benção nas casas e a caridade pontual em algumas necessidades, com base na repetição de uma organização que praticamente confundia a sacralidade com o modo de funcionamento. Os fiéis se dirigiam à sede paroquial à procura de sacramentos, catequese, benção e se adequavam à realidade de funcionamento.

O modelo tradicional de paróquia entrou em crise à medida que a sociedade foi se estruturando em torno de outras lógicas de funcionamento, sem dependerem dos serviços e da legitimidade da Igreja. Nos últimos anos houve mudanças radicais no modo de engajamento e pertença comunitária, na mobilidade das pessoas, na maneira de se relacionar e viver o



comunitário. A mudança de época transformou por completo o modo de vida, com o predomínio de um modo de vida que destaca a busca individual e o enfraquecimento dos vínculos e da convivência coletiva. A experiência de fé não é mais vivida do mesmo modo que gerações anteriores, e a religiosidade também passou a ser definida por escolhas individuais e não apenas transmitidas por tradição.

Diante desses desafios, a paróquia é chamada a repensar o seu modo de agir pastoral para continuar sendo um espaço de evangelização. Este movimento exige que se repense suas estruturas, em muitos casos obsoletas, redimensionando a compreensão de comunidade, não mais fixa exclusivamente no território, mas aberto ao pertencimento por afinidade ou circunstância. Essas medidas de reestruturação ajudam as pessoas a retomarem o espírito fraterno e a abrir espaço para a dinâmica comunitária. Elas “se reúnem, movidas pela fé em Jesus Cristo para a escuta da Palavra, buscando luzes para viver a fé em uma sociedade de contrastes. Vencem o anonimato e a solidão, promovem a ajuda mútua e se abrem à sociedade” (DGAE, 84).

O salto para um novo agir não exige a implosão das paróquias, com suas estruturas, conselhos, pastorais e lideranças, mas parte de dentro da paróquia, “esse anúncio não pode ser pressuposto nem mesmo entre os membros da própria comunidade. Há pessoas na comunidade que perderam o brilho da fé, vivem um testemunho opaco e uma missão tímida” (Doc.100, 187). Assim, a conversão pastoral perpassa um itinerário missionário, começando por aqueles que já estão na comunidade, mas que necessitam se reencantar com a missão. A abertura missionária é possível quando o discípulo missionário encontra e começa a seguir os passos de Cristo Jesus, descobrindo nele e em seu modo de vida, o caminho para ir ao encontro do outro, no seu lugar concreto, anunciando o próprio Senhor com sua presença amorosa.

Assim as lideranças paroquiais não se restringem a esperar que as pessoas venham ao seu encontro, mas se aproximam, transformando a forma de atuação em perspectiva missionária. A paróquia torna-se, “portanto, referência, lar casa e, ao mesmo tempo, hospedaria, estação para os que caminham guiados pela fé em Jesus Cristo” (Doc.100, 163). A comunidade paroquial transforma-se na fonte de irradiação de missionários e casa de acolhida para aqueles que precisam ser abraçados pelo Evangelho. Esse espírito comunitário nutre-se da Palavra, do pão, da caridade e da missão, reavivando o espírito das primeiras comunidades cristãs.

#### **4.2 Comunidades chamadas a serem casa da palavra, do pão, da caridade e da missão**

O processo de setorização busca recuperar a experiência de Igreja que acontece ao redor da casa. A paróquia, em certo sentido, é a Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e filhas. É a Igreja onde as pessoas se reúnem, independentemente de território, moradia ou pertença geográfica. A proposta de comunidade como casa é concebê-la como lar, ambiente de vida, referência e aconchego de todos que transitam pelas estradas da vida.

A comunidade cristã é a casa da Palavra, na qual o discípulo missionário, acolhe e pratica a Palavra. É o lugar privilegiado de escutar o Senhor na liturgia, onde Deus fala no momento presente para seu povo que escuta e responde. Na comunidade casa da Palavra cada cristão precisa encontrar-se pessoalmente com Jesus Cristo, por meio da Iniciação à Vida Cristã e da Leitura Orante da Palavra e assim fazer seu ato de adesão ao Senhor.

A comunidade cristã é a casa do Pão. A Eucaristia é o momento auge da vida comunitária, pois é o sacramento da comunhão e da reconciliação. Ela é o momento favorável onde

ocorre o encontro de Deus com a comunidade, da comunidade com Deus e dos membros da comunidade entre si. A Eucaristia nutre relações fraternas, pois todos comungam na mesma mesa, revelando a filiação comum no mesmo Pai.

A comunidade é a casa da caridade. Imbuído pela Palavra e pela Eucaristia, o cristão, nova criatura pelo Batismo, vive uma nova relação com Deus e com os irmãos. Através da gratuidade, oferece sua vida para ajudar os irmãos mais necessitados, tendo compaixão pelos que sofrem, no anseio de todos terem vida em plenitude. A caridade também se estende ao “compromisso social, especialmente promovendo a justiça e os direitos humanos, numa evangélica opção pelos pobres e na prática da ética e do cuidado com todos os necessitados da sociedade” (Doc.100, 183).

A comunidade é chamada a ser casa da missão, em seu seio são gestados os discípulos missionários que testemunham com alegria o modo de ser cristão. Antes mesmo de usarem às palavras, os discípulos missionários devem proclamar silenciosamente a Boa Nova do Reino de Deus pelo testemunho. A missão requer o anúncio explícito da Boa Nova de Cristo, o discípulo missionário deve comunicá-lo como um grande bem que não deve ser escondido, mas dado a conhecer a todos.

A comunidade deve adotar um estado permanente de missão. A missão nunca se encerra, ela vai se ressignificando com o tempo “precisa renovar-se sempre diante dos novos desafios que enfrenta no confronto com o mundo e na relação entre seus membros” (Doc.100, 189). Para ser missionária a comunidade deverá ir ao encontro das pessoas, dos excluídos, pobres os que sofrem e deve acolher a todos que se achegam até ela, sem discriminações.

Tendo a missão como eixo fundamental, essas comunidades são configuradas como casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão. É com esses quatro pilares que a setorização vai

estruturando seu agir pastoral e missionário, tornando a comunidade paroquial mais próxima e presente na vida das pessoas.

### **4.3 Recuperar o sentido da proximidade e do habitar juntos**

A palavra paróquia, em um dos seus significados etimológicos é equivalente a “vizinho”, “próximo”, “que habita junto”. Essas definições derivam do adjetivo grego paroikós. Resgatar esse sentido etimológico é recuperar a sua essência primaz que configura e norteia o projeto da paróquia como comunidade de comunidades. Nesse sentido, o projeto que visa criar pequenas comunidades, anseia recuperar uma proximidade salutar entre os paroquianos, para que a comunidade possa ser a expressão da verdadeira proximidade e fraternidade comunitária.

A grande comunidade paroquial impossibilita a criação de vínculos mais próximos entre todos, necessários para romper o anonimato, uma das marcas da cultura urbana atual, que tende a produzir inversão de perspectiva entre a vida privada e as questões de interesse público. A paróquia ao se organizar em pequenos setores, grupos menores, consegue descentralizar seu atendimento, além de favorecer a criação de novos ministérios leigos e se aproximar dos afastados. O território das comunidades maiores não perde sua importância pelo fato de serem criadas novas unidades dentro desse espaço geográfico, porque se trata de dinâmica de atuação e não novas sedes administrativas.

A setorização é estratégia que ser eficaz à medida que houver líderes capacitados para animar e coordenar as pequenas comunidades e/ou que tais líderes permaneçam em formação e que se cultive a unidade. A divisão territorial em pequenos grupos, mesmo que tal divisão não se utilize da fixidez anterior, exige um conjunto de estratégias conjugadas, justamente para

favorecer o espírito missionário. Com boa vontade e amorismo não são aceitos neste novo contexto histórico-cultural, por isso, insistimos na formação de lideranças leigas, capacitando-os para serem protagonistas da evangelização. A organização paroquial deverá ser pensada em rede, evitando a concentração das atividades na comunidade central e na figura do pároco. A formação permanente, com fundamentação teológica, mas também como mínimo de noção em áreas como psicologia, sociologia e até economia, vai possibilitar descentralização dos serviços e o desenvolvimento de um trabalho mais duradouro, fundamentais para a necessária renovação paroquial.

Um modo simples de organização favorece o maior engajamento das pessoas na comunidade, com uma participação e adesão mais fervorosas. As pequenas comunidades não podem correr o risco de se estruturarem como se fossem uma pequena paróquia e recuperar a burocracia e serviços administrativos que travam o espírito de proximidade. Não significa não levar a sério as questões administrativas da paróquia, mas priorizar a dinamicidade do espírito de discípulo missionário para recuperar o acento na fraternidade comunitária já ausente ou enfraquecida em muitas paróquias.

Para os Bispos do Brasil, as pequenas comunidades favorecem a vivência do cristianismo em sua forma mais original. O espírito comunitário que moveu os apóstolos a criarem às primeiras comunidades continua atuante, se renovando ao longo da história. Assim, o grupo pequeno tem uma importância inegável na vivência da fé. Em “um pequeno grupo todos se conhecem, partilham a vida e cuidam-se uns dos outros, como discípulos missionários de Cristo” (Doc.100, 246).

Como iniciar a formação das pequenas comunidades? Que pessoas envolver para dar partida a esse projeto? De início podem ser envolvidas as pessoas que já atuam nas pastorais, movimentos, serviços e apostolado da paróquia. Em seguida,

estender o convite para aqueles que frequentam a missa sem nenhum engajamento comunitário. Por fim, a pequena comunidade vibrante vai ao encontro dos afastados convidando-os a se integrarem ao grupo.

Um outro passo importante para concretizar as pequenas comunidades é a maneira como se dará a setorização. Ela pode ser por território, dividir a grande comunidade, por quadras, ruas, linhas, conjuntos habitacionais, condomínios, povoados e vilas. Mas também deve estar atenta a um emergente modo de inserir-se em comunidade, que é a adesão por afeto ou interesse. Esse modo de setorizar também deve ser visado e vai transcender o espaço físico, pois se organizará em torno de espaços de interesse. As afinidades podem ser entre jovens, idosos, casais, universitários e outros conforme a realidade.

Alguns desafios comuns aparecerão na setorização. Nos condomínios há uma pluralidade de relações entre vizinhos. Muitos não conhecem o vizinho de porta, impossibilitando a criação de uma comunidade de fé num edifício. Isso revela, que “nas cidades vizinhança geográfica não significa, necessariamente partilha de vida. Geralmente, quem menos se conhece é o vizinho de porta” (Doc.100, 249). Diante dessa situação, algumas comunidades poderão ser formadas por moradores de um edifício, mas haverá outras formadas de pessoas residentes em locais diferentes e até distantes.

A realidade rural também vem recebendo impactos da cultura e do modo de produção capitalista, que também é hegemônica na realidade urbana e a setorização deverá se adaptar à nova conjuntura do campo. Os agricultores que trabalham no sistema de integração com as agroindústrias estão intimamente ligados de forma direta ao trabalho. Estes, assim como aqueles que trabalham com gado leiteiro, possuem horários determinados durante o dia para trabalharem, dispondo de escasso tempo para a vida comunitária.

As pequenas comunidades devem ter presente a realidade local, procurando favorecer, diante das condições das pessoas, a participação comunitária. Isso exige diversificar a oferta de horários, dias, pontos de reunião, de maneira para oportunizar opções. O importante é criar comunidades com pessoas que se integrem para melhor viver a fé cristã.

Os encontros também devem ser frequentes, semanais ou quinzenais, dependendo da realidade de cada grupo. “O importante é garantir encontros regulares e uma comunicação entre os membros da comunidade, de modo que se traduzem em interesse e compromisso de amizade e fraternidade” (Doc.100, 251). Toda comunidade se fortalece e cria vínculos quando os seus membros se reúnem frequentemente para conviverem e celebrarem fraternalmente em comunidade. O sentido das pequenas comunidades é estabelecer novas relações pessoais, comunitárias e sociais com um acento evangélico.

As pequenas comunidades se fundamentam na Palavra de Deus e na Eucaristia. Os Círculos Bíblicos e a Leitura Orante da Palavra são importantes para a comunidade conhecer a Palavra e ter intimidade com o próprio Cristo. Sendo uma Palavra viva e eficaz, ela age nas pessoas despertando-as para a missão. Favorecendo o surgimento de inúmeras vocações e serviços para atenderem às necessidades da comunidade como: o cuidado dos doentes, a visita aos migrantes, a catequese, a celebração da Palavra, a Pastoral do Dízimo, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral da Esperança, o acompanhamento aos enlutados, a preocupação com os pobres, a preparação do Batismo, a acolhida aos novos moradores.

São ainda motivos de encontro, a solidariedade e a proximidade, a comemoração de aniversários, a devoção popular, confraternizações, apoio nas dificuldades e alegrias, e nas conquistas pessoais e comunitárias. Esses são alguns

exemplos da riqueza que pode ser desenvolvida nesses pequenos grupos. A pequena comunidade favorece uma ação pastoral personalizada e mais eficiente, pois consegue ser mais próxima das pessoas. Além de ser um atendimento pastoral que chega a todas as pessoas, pois em um pequeno grupo há maior familiaridade, visibilidade, confiança e conhecimento das necessidades de todos.

Essas comunidades, ao viverem o espírito de abertura missionária, acolherão novas pessoas e todos aqueles que precisam de amparo, sem distinção. Essa atitude missionária é o caminho que o Papa Francisco espera da Igreja. Francisco quer uma Igreja em saída que revele o rosto misericordioso de Deus. Para o Papa: se alguma coisa, nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência, é que haja tantos irmãos nossos que vivam sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé, que os acolha, sem um horizonte de sentido de vida (EG 49).

Deste modo, os discípulos missionários, devem estar impelidos a construir comunidades, abertas ao diálogo, à acolhida, à escuta, à compreensão e à compaixão. Motivados pelo mandato “Ide anunciar o Evangelho” como um compromisso diário para os conhecidos e desconhecidos, dando atenção especial para aqueles que se encontram nas periferias existenciais, as pequenas comunidades tornam-se espaço favorável da vivência da fé, a ser oferecido para aqueles que procuram se engajar na vida cristã.

As comunidades devem ser acompanhadas pelo pároco, o qual é o cuidador e o animador primeiro; por meio de sua visita missionária, as comunidades manterão a rede de comunidades coesa e em comunhão com a missão paroquial. Os protagonistas das comunidades são os leigos, com proeminência às mulheres, devendo serem assessorados e capacitados para exercerem com júbilo e conhecimento o serviço que desempenharão.



Para favorecer a continuidade dos encontros das pequenas comunidades, a paróquia ou a diocese pode elaborar subsídios voltados à metodologia da Leitura Orante da Palavra. Partindo da Palavra, o grupo vai identificando os apelos de Deus e se estendendo para outras dimensões como: a catequese, a caridade, serviço pastoral, a missão, a formação da consciência crítica etc. “O importante é que a comunidade faça o seu caminho, sempre unida à Palavra, à oração, à comunhão fraterna e ao compromisso de serviço com aos pobres (Doc.100, 255). Através desses subsídios as pequenas comunidades mantêm-se alinhadas à linguagem eclesial, pastoral e missionária da paróquia. Há uma unidade entre todas as comunidades, evitando desvios personalistas que desvirtuam a identidade missionária proposta a todas.

Na comunidade as pessoas se reúnem, se encontram, são acolhidas para vencer o anonimato. Possuem vínculos de pertença que vai além de se congregar para rezar, mas para crescerem no seguimento de Jesus Cristo. A celebração eucarística é momento ímpar de unidade entre as pequenas comunidades. Acontece quando as pequenas comunidades se reúnem na comunidade paroquial, ou na capela a qual pertencem, formando uma só família que comunga o mesmo pão e vinho, mas também os mesmos sonhos e projetos e o modo fraterno de viver.

## 5 Considerações finais

Buscamos reconstruir aqui algumas das principais implicações para os discípulos missionários contidas no Documento de Aparecida, com destaque para a conversão pastoral e a renovação da estrutura paroquial. Apesar de já ter se passado mais de uma década e de serem percebidos avanços, muitas questões permanecem como desafio e a CNBB, ciente da tarefa gigantesca que se tem pela frente lançou, sete anos

depois de Aparecida, o Documento, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, com o sugestivo subtítulo, *A conversão pastoral da paróquia*. Utilizamos também este documento como fonte, para resgatar questões relevantes para a renovação da dinâmica paroquial, também assentada sobre o espírito do novo ardor missionário.

Numa sociedade de contrastes, onde impera um individualismo narcisista e nefasto, o modo de viver em comunidade continua ecoando com a mesma força do sopro do Espírito Santo, que impeliu os apóstolos a criarem as comunidades cristãs. As pequenas comunidades são um ponto de encontro para os desamparados e o impulso da saída missionária daqueles que esperam a visita da Igreja em sua casa e realidade.

Para essa revisão comunitária paroquial proposta, alguns gestos e indicativos novos, devem tornar-se evidentes, como: a alegria, o perdão, o amor mútuo, o diálogo e a correção fraterna. Não será possível acolher os afastados ou ir ao encontro deles, se a comunidade vive em desencontro. “O amor fraterno, a amizade e a caridade com todos são aspectos irrenunciáveis de uma comunidade cristã” (Doc.100, 260). Deste modo, o testemunho daqueles que vivem em comunidade torna-se o *querigma*, que encanta e atrai as pessoas para essa proposta de vida. Foi um testemunho autêntico do amor fraterno que inspirou Tertuliano a escrever sobre os primeiros cristãos “Vede como eles se amam!”.

Não fizemos aqui um diagnóstico de como está o processo de renovação das paróquias e comunidades no espírito da formação de redes. Todavia é possível perceber que muitos desafios permanecem, alguns se acentuam, outros ganham novas dimensões. No nível pessoal é preciso considerar que a racionalidade predominante é a concorrencial e que prima pela satisfação dos interesses e desejos pessoais, dificultando o cultivo do espírito comunitário. Os centros de poder apontam para

novas lógicas de trabalho, cada vez mais exigentes e que se revelam cada vez mais descoladas da vida de fé das pessoas. Por sua vez, as práticas religiosas encontram dificuldade de abrir-se a um diálogo mais aberto e interagir com as dinâmicas e lógicas que constituem o mundo do trabalho, o mundo da política, entre outras realidades. É importante pensar que esta mentalidade individualista não atinge apenas as pessoas afastadas, as vezes configurando a vida comunitária a partir do espírito contrário ao Evangelho.

É possível recuperar relações interpessoais na perspectiva da comunhão de vida, de sonhos para transformar a vida comunitária em sinal de contradição no mundo. Toda mudança precisa ser pensada e projetada com responsabilidade, mas se não houver uma alta dose de ousadia, a tendência à repetição impera, impedindo o movimento necessário para desenvolver a cultura da proximidade e do encontro, mudando os corações dos cristãos tornando-os vibrantes e missionários. A Igreja, assim como qualquer outra instituição, corre o risco de transformar as reflexões que apontam para a novidade em verniz que cobre as estruturas velhas, mas sem produzir mudanças profundas.

As pequenas comunidades têm um potencial enorme de serem transformadas em santuário, onde seja possível aplacar a sede dos que buscam o Senhor, centro de reabastecimento para seguirem o caminho e de envio missionário. Em sintonia com o Papa Francisco, precisamos ser sinais de alegria e esperança, apesar dos desafios que se verificam no caminho. Em grande medida, trilhar este caminho implica diminuir a preocupação com a autopreservação e assumir livremente o atendimento aos serviços e necessidades.

## Referências Bibliográficas

- BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*. In: *Perspectiva Teológica*, v.39, n.109, p.307, 2007. Disponível em <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/download/185/332>. Acesso em 5 de fevereiro de 2020.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Ed. CNBB, 2007.
- CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*. Brasília: Ed. CNBB, 2014. (Documento 100).
- \_\_\_\_\_. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019–2023*. Brasília: Ed. CNBB, 2019. (Documento 109).
- MELO, Antonio Alves de. *Documento de Aparecida: caminhos para sua recepção eclesial*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v.69, n.274, p.343–360, abr. 2009.
- OLIVEROS, Roberto. *Igreja particular, paróquia e CEBs em Aparecida*. In: *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. Trad. Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas, 2008. p.183–193.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Ed. CNBB, 2013.
- SANTOS, Carlos César dos. *A Conferência de Aparecida: chaves de leitura*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v.68, n.270, p.300–325, abr. 2008.
- VALENTINI, Demétrio. *Aparecida: valores e limites*. In: *V Conferência de Aparecida: renascer de uma esperança*. Trad. de Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas, 2008.